

# Lilian

「 prosa/ficção 」

## Sais

# Como tinha que ser

**Nunca foi de palavras.** Era mais sobre o jeito que tinha de colocar o cavaquinho mais próximo do peito que o necessário antes de começar a tocar o choro por horas. Que fosse cavaco, que fosse choro e que fosse mais perto do peito que o necessário, isso talvez fosse o elo quente.

Também não começava a tocar de pronto. Levava antes dezenas de minutos olhando o instrumento, sentindo o peso, o cheiro, a textura. Nossos irmãos mais novos faziam troça — Ronaldo tá namorando é o cavaquinho! —, mas ele permanecia verdadeiramente imóvel, a não ser pela mão que, num gesto curto porém preciso, apontava o relógio.

Acordava cedo e esperava dar sete horas em ponto para começar a dedilhar as cordas de aço. Tinha voltado do exército não só mais forte e mais quieto ainda, como também dotado de uma disciplina rígida. De pé, aquele contorno inteiriço fazia presença, botava medo. Mas ali, tocando cavaco, ficava só o curioso da cena de ver um homem tão grande com um instrumento tão pequenino bem junto do peito, e de pensar como uma mão daquele tamanho, sólida, dava conta do braço mirrado feito de pinho.

De certo, certo mesmo, filho ele só tinha um, mas ninguém sabia mais dele. Foi rápido, voltou do exército e logo se juntou com uma moça, dali a pouco nasceu o menino, que ele levava para nossa casa quase todo domingo e dia santo, até que parou de levar. Não explicou nada, e

ninguém também perguntou, por respeito, acima de tudo. Devia ser coisa séria, uma hora ele ia contar.

Não contou. Depois de uns meses aparecendo sozinho todo domingo e dia santo, voltou para casa com a mochila e o cavaco e disse que era para ficar. Difícil explicar como ele conseguiu dizer tudo isso em duas ou três palavras, mas foi o que fez, e era assim sempre: duas ou três palavras. Não tinha problema, que em família de renda miúda quanto mais a gente se aperta mais parece que a casa se expande. É coisa de colocar um colchão na sala afastado da goteira, trocar uma cama por um beliche, tudo se ajeita. Mesmo se ele tocasse bateria, havia de se encontrar uma maneira.

Mas era só um cavaco perto do peito e o choro que começava às sete horas da manhã e não parava até depois, bem depois, da hora do almoço. Nós, os irmãos, ficávamos com humor questionável, a sinfonia não requisitada logo de manhã parecia que não deixava lugar nem para o bocejo. Os menores faziam birra, os mais velhos xingavam, mas tudo ia fazendo parte da rotina e xingar já não era muito diferente de escovar os dentes.

Não era uma família de instrumentistas ou de grandes apreciadores de música popular, a nossa. Minha mãe até gostava de uma ou outra coisa de sua juventude, uma música da Jovem Guarda. É verdade que Seu José, que de pai nem chamo, chegou a cantar para ela uma música do Roberto, mas não movido pelo amor à canção e sim pela necessidade de pedir desculpas e provar que agora que tinha parado de beber as coisas haviam de melhorar. E no mais, até nos dias de domingo preferíamos a televisão ao aparelho de som.

Quando Ronaldo e eu éramos crianças, eu achava que ele seria engenheiro para criar muros reais, concretizá-los. Cada vez que ele me batia, era um tijolo novo colocado entre nós. Carrego as marcas. De todos, embora não fosse o caçula, eu era o irmão mais fraco, mirrado em tudo, mesmo na vontade de me defender, mais mirrado até que braço de cavaquinho. E carregava essa verdade comigo, Ronaldo vai ser engenheiro para criar muros. Também as demonstrações de afeto, raras, surgiam violentas. Como no dia em que eu, voltando da escola, estava sendo empurrado por quatro meninos que se preparavam para me dar uma coça pesada e Ronaldo viu a cena ao longe. Não sei como ele conseguiu chegar tão rápido, mas o fato é que ali estava ele, distribuindo

tapas em todos e fazendo ameaças, para me proteger. Para me proteger. Não deixava mais ninguém me bater. Que ele mesmo me batesse ficava entre nós. Esse, o afeto.

Mas teve outra coisa também, uma vez. Que na rua a família da casa da frente tinha ido viajar e quando voltaram os moleques não paravam de falar como era lindo o mar, e eu à noite chorei porque queria ver o mar, mas pensei que nunca. Ronaldo reparou e não disse, só que no dia seguinte depois da aula me buscou e levou num parque que tinha um lago bem grande, bem grande mesmo, e explicou o mar, que era daquele jeitinho, só que salgado. No começo não acreditei muito, mas ele foi explicando até eu me sentir tão íntimo da água que fez senso. Eu nunca tinha ouvido Ronaldo falar tantas palavras assim, uma depois da outra.

Cheguei em casa como fosse marinheiro. Seu José estava sentado na soleira da porta, o cinto na mão. Disse que era certo que Ronaldo não tinha me levado para fazer coisa boa e ia tomar uma sova. Olhei para meu irmão esperando que ele contasse a verdade, mas ele não disse nada. Fez um gesto para que eu entrasse em casa e ficou calado pronto para o cinto, daí levou a sova. Não se defendeu, não permitiu que eu o defendesse. E não chiou.

Durante toda a sova que Ronaldo levou eu chorei escondido no quarto. Depois, quando ele entrou, perguntei por que ele não tinha contado a verdade e explicado tudo, falado do mar também.

— Estar perto de coisa bonita sempre custa alguma coisa. Aprende.

A infância foi a primeira mentira que conheci. Com o tempo vieram outras, claro: por exemplo, o patrão que me deu o emprego de vigia noturno e que dizia que eu devia ser muito grato a ele — doze horas por dia, uma folga no mês, um salário mínimo, e então outras enumerações, lembro fosse hoje também: dezoito anos nos ossos, carteira assinada, mochila nas costas e uma sacola em cada mão, mamãe dizendo Que Deus te acompanhe, meu filho, Deus te abençoe, e eu sem mão livre para o abraço, que saiu meio torto. Vê se agora vira homem, moleque frouxo — esse foi Ronaldo se despedindo de mim.

Os telefonemas para casa foram pouco a pouco se espaçando. Um por semana, dois por mês, um por mês. Bênção, mãe. Deus te abençoe, meu filho. Tudo bem com a senhora? Tudo bem, meu filho. Então tá bom, mãe. Fica com Deus, meu filho.

Quando Ronaldo teve um infarto fulminante, aos quarenta e dois anos, fazia mais de dezesseis que eu não o via, trocava palavra sequer. Soube da morte dois meses depois do enterro.

— Enterramos ele com o cavaco, meu filho, como tinha que ser. ■

### **Lilian Sais**

Escritora, pesquisadora e tradutora de grego antigo. Doutora em Letras, é uma das fundadoras da plataforma de ensino e difusão cultural Literartéria e coeditora da Revista Libertinagem, de arte e literatura erótica. Em 2018, lançou a plaquete de poemas *Passo imóvel* pela Editora Cozinha Experimental e *Acúmulo*, seu primeiro livro de poemas, pela Patuá.